

---

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

---

### REPRESENTAÇÕES DA LUTA E DA RESISTÊNCIA NEGRA NO QUILOMBO MANOEL CONGO NA LITERATURA DE CORDEL

Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)  
patriciacaa@yahoo.com

RESUMO: A partir do texto poético de cordel, este artigo discute sobre a trajetória de luta e resistência de Manoel Congo, no Quilombo homônimo. Objetivamos refletir sobre quais as representações que tal acontecimento, importante na história dos quilombos no Brasil, adquire no texto de cordel e de que maneira essas representações podem ajudar na compreensão das questões relativas à forma como negros/as empreenderam suas lutas individuais e coletivas pela liberdade e em prol de seus direitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de cordel; quilombo; representação; resistência.

#### **INTRODUÇÃO**

Historicamente, os quilombos foram espaços de resistência e de sociabilidades de negros/as, em sua luta pela liberdade devido à opressão a que estavam expostos na sociedade brasileira. Esses espaços consistiram em um importante agrupamento de homens e de mulheres que, em busca de sua liberdade e em oposição ao regime escravista, constituíram formas e modos de viver e articular a luta contra a dominação escravista e foram construindo formas de organização social e cultural, laços de compadrio e modos de empreender as lutas pela liberdade, a partir da qual firmaram seu lugar social de pertença, pois neles eram configuradas diferentes relações sociais.

Os quilombos consistiram, pois, em lugares em que negros/as, na condição de escravizados, organizaram-se e empreenderam suas lutas contra as diversas formas de violência a que estava posto esse segmento social, no Brasil, tanto no período colonial quanto no imperial. De acordo com Costa,

a formação de quilombos em todas as colônias e países do Novo mundo constituiu-se em estratégia utilizada pelos africanos que, escravizados, ansiavam por liberdade e, assim, instituíram alternativas ao sistema escravista hegemônico e, então, vigente. O princípio subjacente à formação de quilombo constituiu-se na busca de lugares de difícil acesso que propiciassem o estabelecimento de barreiras estruturais, que tanto podiam ser naturais quanto sociais. Os agrupamentos humanos aquilombados pretendiam, dessa forma, impedir o contato do mundo branco e escravista com o mundo negro vivendo em liberdade. (2008: 25)

O quilombo foi um espaço de reinvidicação dos escravizados frente a uma sociedade excludente, discriminatória e espoliadora de seus direitos. Nosso objetivo é, então, com base no texto poético de cordel com um olhar que procura articular a literatura e a história, mostrar o trajeto traçado por Manoel Congo na formação do Quilombo de Manoel Congo, e as formas que ele empreendeu em prol da liberdade e da emancipação de escravizados, de maneira a conseguir congregar diversas pessoas em torno de sua proposta ideológica. Nessa perspectiva, este estudo articula a relação entre cordel e negritude, por meio do enfoque dado à representação dos conflitos sociais, no Brasil dos oitocentos, que vivia sob o manto da escravidão, e no qual os quilombos funcionaram como espaços de luta, de articulação e de vivência experienciais de escravizados quilombolas.

Nesse sentido, convém lembrar que, no contexto da sociedade brasileira, os conflitos sociais produziram, em temporalidades históricas distintas, inúmeras facetas e assumiram diferentes dimensionalidades na contextura espacial onde se desenvolveram. Assim, compreender a dimensão e a configuração desses conflitos nas representações literárias é fundamental, uma vez que, a partir delas, é possível depreender os modos como produziram protagonismos, considerando que os sujeitos neles envolvidos propiciaram diferentes leituras, o que, conseqüentemente, repercutiu nas narrativas escritas elaboradas sobre eles mesmos. Enfim, os fios e as tramas de que se tecem as narrativas nas textualidades literárias nos permitem refletir sobre a possibilidade de se reescrever o conflito, com base nos saberes e práticas que têm no texto literário suas potencialidades.

Articular, no campo literário, a discussão sobre conflitos sociais, na confluência das relações raciais, é algo significativo pelo modo como foram elaboradas variadas produções acerca dessa temática. Observado esse aspecto, é mister perscrutar, pelo viés literário, negros/as e seus envolvimento em revoltas e rebeliões na luta pela liberdade e pela emancipação social, uma vez que a luta desse segmento étnico pela emancipação da condição de escravizados/as ganhou contorno e notoriedade nos estudos socioculturais. Através dessa abordagem, conhece-se um perfil das revoltas, das insurreições e das resistências tanto individuais quanto coletivas de segmentos sociais à margem das estruturas hegemônicas de poder, delineando, assim, diferentes trajetórias para a questão dos anseios, das lutas e das reivindicações de determinadas minorias no Brasil.

Como o objetivo deste trabalho é o de se deter, especificamente, em uma dessas minorias – negros e negras – paulatinamente excluída da história, merecem nossa atenção as produções literárias que representaram a realidade social, cultural e histórica de homens e de mulheres negros/as, africanos/as e afrodescendentes, na textura da sociedade brasileira, representando-os em diferentes contextos e notabilizando a maneira como foram visibilizados, ou não, na esfera social.

### **A POÉTICA DO CORDEL E A QUESTÃO DA NEGRITUDE: TECENDO OLHARES SOBRE O QUILOMBO**

O saber literário deu sentido e significado a negros/as, através da interpretação social de escritores, poetas, contistas, que utilizaram essa forma de produção do conhecimento, para mostrar como no cotidiano da vida social brasileira é possível tecer não só narrativas sobre homens e mulheres negros/as, mas também as visões construídas no âmbito literário sobre suas histórias. Nessa perspectiva, os cordéis podem ser tomados como um rico espaço de produção sobre os conflitos sociais, porquanto registram um repertório de temas cujo enfoque, dentre os vários possíveis, reporta-se à negritude brasileira, em seus lugares sociais de inserção na realidade histórica de nosso país (Abreu 1999).

Galvão (2001), ao analisar o cordel e sua trajetória no Brasil, em particular, no Nordeste, mostra que as histórias dos cordéis foram e continuam sendo alimentadas não apenas pelo imaginário e fantasioso, no campo ficcional. Mas, sobretudo, por acontecimentos e eventos que ocorrem no cotidiano e que, desde sua introdução e expansão pelo Nordeste, elas ganham contornos devido à maneira como os poetas narram as histórias de homens e mulheres. Em seu livro, *História do Brasil em Cordel*, Mark Curran (2001), articulando os acontecimentos que fizeram parte da realidade histórica e social brasileira, mostra como, do século XIX até o XX, essa literatura popular em verso e impressa em folhetos falou do Brasil, de sua gente. Como crônicas do cotidiano (Chartier 2002), os cordelistas apropriando-se do que acontecia no mundo vivido representavam, de maneira versada, as realidades do contexto social. Curran mostra, ainda, que “o cordel, mais uma vez, é caracterizado como um meio híbrido: popular, em termos de produção, disseminação e consumo” (2001: 19). Ou seja, é consumido por um público muito amplo, com uma variedade de interpretação dos acontecimentos, mas sem perder sua capacidade de, através da rima e do verso, representar os aspectos da realidade cultural, social e política, que fazem parte da história de nosso país.

A literatura de cordel produziu modos e formas que significaram a ação humana no tempo; o cordelista, através de sua leitura da realidade social, perscruta sobre ela e imprime, em seu fazer poético, um sentido que notabiliza histórias de pessoas, muitas vezes silenciadas e esmaecidas pela historiografia oficial e que, nos textos de cordelistas, passaram a ter notoriedade. Assim, falar da epopeia humana, em seus diversos matizes, tem sido um modo de comunicar, informar e mostrar a vida como um texto a ser lido e interpretado através de diferentes tessituras (Ricoeur 1994).

Atuando na vida cultural brasileira, o poeta de cordel expressa, em seus folhetos, sua sensibilidade diante do mundo. Ele também imprime nesses poemas, de forma crítica ou mesmo conservadora, características próprias de seu fazer poético. Um fazer calcado em experiências de vida, que se materializam nos textos e nos versos.

A literatura de cordel expressa um modo de comunicar as histórias cotidianas, gerando significado e relevância, nas leituras do social. Ela é também uma maneira de estabelecer diálogos entre os acontecimentos do campo social e a realidade cotidiana de homens e mulheres representadas/os no decurso da história. Isso acontece porque compreendemos que ela tem um papel social, cujas potencialidades se apresentam na discussão de temas históricos, nas tramas, nos enredos e nas narrativas criados pelos poetas de cordel. Por sua versatilidade, a literatura de cordel é um campo fértil de produção de histórias de vidas humanas, que são capturadas pelos poetas cordelistas e adquirem relevância nas suas produções poéticas, servindo-lhes de substrato às rimas e aos versos.

No cordel, essas variações acompanham as transformações que ocorrem no mundo social, e para imprimir nele os acontecimentos do cotidiano, o poeta cordelista procura estar atento aos acontecimentos históricos que estão ocorrendo para, então, reinventá-los nos folhetos. Nessa perspectiva, o poeta, tendo como material de estudo os acontecimentos reais, materializa-os com maestria nos folhetos, inventa-os nos cordéis, utilizando o lúdico, em um processo de invenção a que constantemente o “real” é submetido e por meio do qual é transfigurado, reinventado. Através do seu versejar, o poeta popular revela o mundo social na concretude das rimas e dos versos de cordel e informa ao povo os acontecimentos presentes e passados. Porém também intervém ao se posicionar frente aos acontecimentos referentes aos cenários local, regional, nacional e, até mesmo, mundial.

A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos. Embora não haja restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e seu público, desde as primeiras produções (Abreu 1999: 119). Na região Nordeste, celeiro fértil onde se disseminou e ganhou projeção nacional e mundial, o cordel alcançou grandes patamares. O perfil da região colaborou para que os cordéis florescessem e adquirissem características específicas; repentistas e cantadores de viola são, em princípio, os grandes divulgadores dos folhetos de cordel (Abreu 1999). Em outros termos, foi com o hábito secular de contar história que o cordel passou a florescer. A relação entre o contador de história e o cantador de cordel é muito íntima, não só porque o público de ambos é o mesmo, mas também porque a maioria das histórias contadas e cantadas em versos advém das classes populares (Lopes 1982).

Todavia, transitando no meio informativo, entre comunidades rurais, e até mesmo no meio educacional pelo caráter alfabetizador que adquiriu entre muitas comunidades, o cordel foi, gradativamente, ganhando outros espaços, propagando-se no meio citadino até chegar às escolas e às academias, adquirindo feição moderna e versando também sobre temas modernos, como tecnologia, diversidade e ecologia. Enfim, o cordel subsiste porque se moderniza, renova-se, reinventa-se e se adapta às

metamorfoses de cada época. Isso é perceptível tanto nas temáticas trabalhadas por alguns poetas quanto na adequação de muitos deles às mudanças surgidas, principalmente, a partir do ingresso dos folhetos no mundo virtual, de maneira que o cordel pode ser tomado com uma espécie de documento para registrar as metamorfoses por que passa determinada sociedade ou cultura.

Muitos cordelistas nordestinos versaram sobre a questão de negros/as nas suas produções, caso de Manoel Monteiro, Antônio Heliton de Santana, Hélvia Calou, Varnecki Nascimento, entre tantos outros que se utilizaram de sua escrita poética para chamar a atenção sobre a condição social de negros/as na nossa sociedade. Claro que não podemos esquecer que, ao ser construído, o texto de cordel envolve filtrações perceptivas que, inicialmente, podem ser verificadas quando o poeta faz sua leitura do social a partir, por exemplo, dos meios de comunicação que dão sentido às questões que ele problematizou e deseja elucidar. Posteriormente, ele tece sua compreensão e interpretações para, por fim, colocar na produção cordelina a sua visão acerca do olhar tecido sobre os acontecimentos que julga importantes e inspiradores.

Nos textos poéticos, homens e mulheres negros/as, em seus lugares sociais de pertencas, são dimensionados de modo a protagonizar múltiplas histórias. Em nosso ver, ao versarem sobre esses sujeitos sociais, os cordelistas estabeleceram uma conexão com seu tempo e demarcaram outras maneiras de ver e vivificar a luta e a resistência desses sujeitos excluídos da historiografia oficial por liberdade e reconhecimento de seu papel social.

Nas complexas redes de relações sociais e culturais, tecidas no cotidiano, os saberes e as práticas produzidos encontram no cordel sua visibilidade, já que essa forma de poesia narrativa em verso fala, quase sempre, das pessoas em suas atividades cotidianas, cujas vivências cotidianas fazem com que sua arte e sua forma de produzir conhecimento sobre uma tipologia diversificada de temas encontrem, nas táticas de resistência, sua forma de subsistir. Nesse sentido, o poeta de cordel compreende, interpreta, capta e põe em relevo os sujeitos sociais, histórica ou ficcionalmente nos folhetos.

## **O POETA MEDEIROS BRAGA E O CORDEL SOBRE MANOEL CONGO**

O *corpus* com o qual trabalhamos é um cordel do poeta Medeiros Braga, que narra a trajetória de Manoel Congo e a construção do Quilombo que tem o seu nome. Medeiros Braga é paraibano, da cidade de Nazarezinho, e, em seu saber-fazer poético, já produziu mais de 80 títulos em cordel. Além de poeta é economista e, articulando essas duas vertentes do conhecimento, procura produzir textos que visem problematizar a realidade histórica e social brasileira. Em seus folhetos, estão presentes temáticas relativas aos movimentos sociais, à educação, à história e à política, inclusive os atinentes às Ligas Camponesas. No folheto que nos propusemos a analisar, Medeiros Braga utiliza-se dos recursos estilísticos do cordel e do viés poético que ele produz para tratar de etnicidade, na perspectiva histórica, através da literatura.

Em suas discussões, ele trata da questão do quilombo, mais especificamente, do Quilombo Manoel Congo e, magistralmente, vai perfilando e historiando sua narrativa sobre o percurso tomado por Manoel Congo em sua luta pela liberdade. Quando verseja a respeito de tal aspecto, o poeta de cordel já se nos mostra como um anunciador das coisas e das pessoas, um porta-voz da comunidade, de suas inquietudes e de todas as mudanças que se evidenciam no mundo da vida cotidiana. Nesse processo, ele segue sempre se mantendo sensível e se configura como “uma expressão viva da cultura”. Como tal, a poesia produzida por ele sempre procurou vislumbrar novos horizontes. Contemporaneamente, por exemplo, muitos poetas populares passaram a versejar, além das temáticas recorrentes, sobre outras questões relativas aos aspectos sociais, culturais e políticos relativos à experiência histórica de negros/as.

### **QUILOMBO MANOEL CONGO: DIZERES E SABERES DE UMA LUTA PELA LIBERDADE**

Para evidenciar como isso se encontra materializado em cordel, valemo-nos do folheto denominado *O Quilombo Manoel Congo, a saga de um guerreiro*, de autoria de Medeiros Braga. Nesse poema, o poeta narra o trajeto percorrido por Manoel Congo da África ao Brasil, fixando os espaços de sua história:

Manoel Congo é o primeiro  
No tapete a se mexer,  
A sua insatisfação  
Dava bem pra perceber,  
Sendo da África arrancado  
Se mostrou inconformado  
Com as elites no poder  
(5)<sup>1</sup>

Podemos perceber, na estrofe acima, como o poeta de cordel demarca o lugar social de Manoel Congo, perfilando sua visibilidade diante de uma realidade árida, espoliadora à qual estava sendo submetido, na condição de escravizado. Como se vê, o poeta não se furta, portanto, de por em relevo o fato de Manoel Congo não se sentir conformado com o modo como era tratado.

No contexto da narrativa de Medeiros Braga, observa-se uma preocupação em nortear o espaço de atuação do protagonista, Manoel Congo, chamando a atenção para sua história, no sentido de notabilizar o leitor acerca de quem está abordando e qual o seu lugar social:

Exercia Manoel Congo  
O ofício de ferreiro,  
Era menos maltratado

---

<sup>1</sup> Nota Bene - As citações da obra de Medeiros Braga serão feitas apenas com o número das páginas.

Pelo senhor fazendeiro,  
Mas, nem por isso, deixou  
De levar a sua dor  
Às vítimas do cativo

Na África livre, e hoje  
Entre a senzala e a morte  
Manoel Congo sofria  
Essa mudança de sorte...  
Mais, ainda, em hora dada  
Quando era acompanhada  
De canga, tronco e chicote  
(6)

A narrativa do cordelista expressa a maneira como a vida de Manoel Congo vai, gradativamente, sofrendo mudanças: de homem livre a escravo, de escravizado a líder de uma revolta de escravos no contexto do quilombo. A trajetória de vida de Manoel Congo foi marcada pelo deslocamento espacial e social que teve início após a saída dele da África na diáspora migratória, que gerou a rota África-Brasil e culminou com a modificação nos rumos de sua condição de ferreiro livre para trabalhador escravo em fazenda de café.

A opção por estudar o Quilombo de Manoel Congo e ele próprio se envereda, inicialmente, porque os quilombos se constituíram em espaços de luta, de organização coletiva de negros/as que tinham um ideário maior – a liberdade. Voltar o nosso olhar para os quilombos nos faz perceber as táticas e as astúcias construídas por escravizados mediante as relações de subjugo, burlando preceitos opressores a que estavam submetidos. O protagonismo exercido por Manoel Congo, no contexto das revoltas empreendidas no Brasil, notadamente aquela que originou a revolta e a formação do Quilombo que tem o nome dele, merece destaque e deve ser tomado como objeto de estudo.

Nascido na África, possivelmente na região do Congo, Manoel Congo representa mais um dos inúmeros líderes africanos que, aqui chegando, empreenderam diversos modos para chamar a atenção da sociedade sobre a condição social dos/as negros/as e a forma como empreendiam suas lutas e procuravam resistir às investidas do sistema escravocrata em que se assentava a sociedade brasileira oitocentista. A luta empreendida por ele, em prol da liberdade, retrata as ações de resistência de muitos negros, diante das formas de violência sistemática a que estavam submetidos e que se consubstanciava tanto fisicamente quanto simbolicamente. Sujeitos de sua história, lutam de diferentes maneiras por emancipação, valendo-se, conseqüentemente, de formas individuais ou coletivas de resistência, como, por exemplo, a formação de quilombos, nascidos, sobretudo, das revoltas, uma das várias formas para obter liberdade: “o quilombo foi um movimento típico dos escravos [...] Apesar de muitos quilombos terem se formado aos poucos, através de fugitivos individuais ou agrupa-

dos, outros tantos iniciaram através de fugas coletivas iniciadas em revoltas” (Reis 1995-96: 15).

No que se refere ao objeto de análise — o cordel de Medeiros Braga sobre Manoel Congo — o poeta se pronuncia anunciando os modos como a sociedade da época, através de suas instituições, entre elas, a igreja, portou-se, fomentando determinadas formas de violência contra os escravos. Além disso, o poeta não deixa de registrar o outro lado da escravidão, isto é, as formas de organização e de rebelião empreendidas pelos escravos ante as tentativas de escravidão de que eles eram vítimas.

Na realidade, no contexto da trama que tece a história do Quilombo Manoel Congo e de seu líder, as revoltas escravas não marcaram apenas o início da trajetória de negros/as africanos/as no Brasil, já no século XIX, mas culminaram na emergência de movimentos e insurreições importantes na construção de um processo de luta em prol da liberdade, o qual, secularmente, permeou a sociedade brasileira.

Se o discurso do poeta está preocupado com as questões atinentes à condição social desse grupo social, de outro, há também a sua preocupação em chamar a atenção para a maneira como foi se delineando a situação de Manoel Congo, mediante as formas a que estavam expostos todos/as os/as africanos/as que vinham nos tumbeiros desprovidos de sua liberdade. No contexto da vida brasileira, o café foi o produto que balizou a economia brasileira, por isso congregou um número significativo de mão de obra em torno de sua produção, e, partir dele, foram construídas riquezas, que geraram importantes nomes da aristocracia cafeeira; entre eles, destaca-se o de Manoel Xavier, dono de uma grande quantidade de plantações de café e de escravos, entre os quais, estava o próprio Manoel Congo, personagem central do cordel em análise:

A igreja tudo via  
Mas, indiferente à dor  
Fazia como o ditado:  
“Ouvidos de mercador”,  
E entre risos e prantos  
Ficava com os encantos  
Das moedas do opressor.

Por isso que Castro Alves  
Desejou do fato atroz  
Ter um raio em cada verso  
Deixar marcada a maldade  
Pela frase, com vontade,  
De “ Maldição sobre vós”.

Também se deu esse clima  
Na região de Vassouras  
Lá no Rio de Janeiro

De terras tão promissoras  
Onde, tirados dos lares,  
Os escravos aos milhares  
Foram postos nas lavouras  
(7)

A literatura de cordel desenvolve, no ato de conhecer, uma articulação com as práticas sociais que ocorrem na cotidianidade, uma vez que as formas a que escravizados foram submetidos ganham notoriedade nos folhetos. Agindo assim, dando visibilidade ao que, no transcurso da história, foi sempre tornado invisível, o cordelista alerta seus leitores para os atos de violência cometidos com os escravos e para as condições materiais e de vida desses sujeitos sociais:

Era comum o mau uso  
Da chibata e do grilhão  
Da prisão no tronco e canga  
Que levava à exaustão;  
Da arma própria de corte,  
Da pancada até a morte  
Que servisse de lição.

Cabia ao escravocrata  
A escolha dos casais  
Para que filhos nascessem  
Das relações sexuais,  
Sadios, fortes, dispostos  
Quando assumissem seus postos  
Na luta dos cafezais.  
(12-13)

A representação construída pelo poeta, ao notabilizar a figura de Manoel Xavier, dono das terras de café, e a forma como adquiriu sua riqueza mostram como, na vivência no âmbito da província, verificavam-se as maneiras como eram tecidas as relações de poder de senhores com os escravizados. Numa passagem da narrativa, o poeta trata da revolta e dos motivos que permitiram que ela fosse gestada e, conseqüentemente, culminasse na criação do quilombo:

E Camilo sapateiro,  
O escravo apaixonado  
Quando ia pra fazenda  
Visitar seu amor dado  
Pelo cruel capataz  
Foi brutal assassinado

Sentiu, então, Manoel Congo

Muita gota a se somar  
Sendo essa a gota d'água  
Que chegou a transbordar  
O delito rude, insano,  
Levou o escravo africano  
Com isso, a se rebelar.  
(14)

O reflexo da violência sobre a representação coletiva construída pelos escravizados da ação do feitor motivou o empreendimento da luta e a elaboração coletiva de formas de resistência; assim, nasceu o Quilombo de Manoel Congo. Entre os escravos, esse modo de interpretar a ação do senhor e do feitor é uma possibilidade tática que representa as maneiras como os escravizados reagiram às estratégias de poder exercidas na maneira violenta, caso da morte do sapateiro descrita no excerto acima, e que se configuram como astuciosas formas de luta.

Abramos, aqui, um parêntese para explicar, como aporte teórico, as noções de estratégias, táticas e astúcias, conforme formuladas por Certeau (1994), para anunciar o lugar e o espaço de luta e de resistência escrava narrada pelo cordelista. As estratégias eram formas empreendidas pelo senhor e pelo capataz para subjugar os escravos, via violência, e suas táticas eram desenvolvidas em sua luta, como podemos perceber nos trechos do poema a seguir:

Esse frio assassinato  
Seguido sem punição  
Levou a todos revolta  
E foi tanta a reação  
Que tentaram logo mais  
Linchar o vil capataz  
Sendo impedidos, então.

Foram as portas da senzala  
Que estavam de cadeado  
Arrombadas, prontamente,  
E até as do sobrado.  
E em cenas tão poéticas  
Todas escravas domésticas  
Fugiam para o gramado.  
(15)

O poeta vai narrando o cenário de organização da luta a partir das ações que foram estimuladas nas fazendas pelos insurretos, o que possibilitou a formação do quilombo. Nesse aspecto, a ação, desencadeada por Manoel Congo, vai ser fundamental, pois, nesse ponto da narrativa, o cordelista delinea, com bastante sutileza, a

maneira como Manoel Congo vai se constituindo como líder do grupo dos revoltosos que estariam sob o seu comando:

Manoel Congo com cuidado  
Muitos escravos juntou,  
Recolhidas várias armas  
Mantimento e cobertor,  
Passaram, seguindo a trilha,  
Na Fazenda Maravilha  
E já outros libertou.

Outros escravos sabendo  
D'outras fazendas fugiam  
Pegavam mulher e filhos  
E o mesmo rumo seguiam  
Era tão grande a vontade  
De viver em liberdade  
Que de nada eles temiam.

(16)

No decorrer da trama, se configura, em meio ao foco de revolta, a construção de um líder, uma vez que, antes escravo, Manoel Congo lidera um dos mais importantes quilombos do século XIX e ganha projeção e representação social no contexto da sociedade da época; isso, rapidamente, despertou a atenção não só de fazendeiros da região onde o evento se verificou, mas também, sobretudo, do poder das elites locais e do governo, no que tange à projeção que tal ação, elaborada pelo grupo liderado por Manoel, poderia possibilitar na contextura de uma sociedade escravista.

No pensamento da elite local, a representação do poder dos quilombolas poderia por em risco as formas de relações sociais de poder que se consubstanciavam naquela localidade. Outro aspecto verificado na narrativa de Medeiros Braga é a participação da liderança feminina, visibilizada na figura de Mariana Crioula, companheira de Manoel Congo, a qual passa a ter forte influência no âmbito do quilombo. Além desse aspecto, consideramos importante ressaltar as táticas de mobilização empregadas por esse líder, no sentido de, ao juntar um número significativo de pessoas em torno de sua proposta, estar driblando as possíveis ações estratégicas utilizadas pelos fazendeiros:

Manoel Congo, a essa altura  
Como rei foi coroado  
E Mariana Crioula  
Rainha de muito agrado,  
Ela dizia à classe:  
“Morrer sim, nunca entregar-se”  
Para ser escravizado.

Já sabendo Manoel Congo  
Quanto difícil seria  
Manter um quilombo livre  
Dos golpes da tirania,  
Ele, então, mobilizava  
Atrair mais gente escrava  
Para a nova moradia  
(18)

Assim, as representações de poder local se articularam e passaram a elaborar dispositivos que detivessem a ação dos escravizados. Ao abordar esse aspecto, o cordelista vai construindo, de um lado, a saga de Manoel Congo e, de outro, a maneira como se processaram as ações de repressão contra os quilombolas:

Então, todo aquele exército  
Numa missão assassina  
Sob aplausos e discursos  
Da burguesia ferina  
Partia como em festa  
Para a vistosa floresta  
Lá de Santa Catarina.  
(20)

Ao longo do cordel, o poeta vai narrando as vitórias e as conquistas dos quilombolas, frente à armada enviada e à forma como o poder governamental, via ação da guarda nacional e do apoio das elites locais, elaborava meios para deter a ampliação do quilombo. Além de tais aspectos, o cordelista vai narrando, concomitantemente, o fortalecimento da figura de Manoel Congo, que já adquirira entre os escravizados significativa influência.

Para o desfecho da trama, que culminou com a derrocada do quilombo e a morte de seu líder maior, Manoel Congo, o cordelista vai narrando, magistralmente, o significado da morte desse líder e como, historicamente, sua resistência e organização em prol da abolição da escravidão ganharam contornos no contexto da sociedade brasileira dos oitocentos:

Em quatorze de novembro  
Do ano mil e oitocentos  
E trinta e oito, o governo  
Imperial, truculento,  
Enviaria, brutal,  
Sua Guarda Nacional  
Com poderoso armamento.

Esse exército comandava  
Com grande selvageria  
Luiz Alves Lima e Silva  
Que bem mais tarde teria,  
Por massacres, com rigor,  
O título compensador  
De o “Duque de Caxias”  
(25)

É importante ressaltar que se, de um lado, havia uma liderança entre os escravos, que se configurava na figura de Manoel Congo, nascia outra, de forte influência no exército brasileiro, que, posteriormente, seria conhecido como Duque de Caxias. Ao mostrar o fim do quilombo e a maneira como o seu líder foi tratado, o cordelista nos conduz a refletir que a luta pela liberdade e o fim da escravidão foram um empreendimento travado cotidianamente por negros/as que, ao contrário do que, por muito tempo, perdurou na historiografia oficial, foram sujeitos de sua história. Essa, enfim, não poderia ser apenas uma luta temporária, mas constante no cotidiano daquela sociedade escravista:

Ao final dessa batalha  
Jaz ali mortos no chão  
Dezenas de quilombolas  
Que lutavam, com razão  
E amor, a todo custo,  
Por um mundo humano, justo,  
Sem sombra da escravidão.

Uns escravos conseguiram  
Fugir pelos tabuleiros  
Porém, muito deles foram  
Já direto aos cativeiros  
Com Manoel Congo à frente  
Outros líderes na corrente  
Feitos são prisioneiros  
(27)

Assim, em três de setembro  
Do ano posterior  
Foi Manoel Congo enforcado  
Nas leis do dominador,  
Daquele que, por vanglória,  
Dita as leis, escreve a história  
Na cartilha do opressor.  
(28)

Os conflitos sociais representados neste estudo, por meio da luta de negros e negras escravizados do Quilombo Manoel Congo, e o protagonismo social e histórico de seu líder, Manoel Congo, levam-nos a compreender a dimensão e a importância de tais conflitos, não apenas no contexto da história social brasileira, mas também no âmbito dos estudos literários. Seja objeto da história ou da literatura, a reflexão sobre a luta de negros/as em busca de liberdade e contra o fim da escravidão nos faz perceber outra, escrita da história desses conflitos, que operacionalizam as artes de fazer do cordelista, com cujo poetar elabora, nos versos e nas rimas do cordel, outra maneira de olhar os acontecimentos históricos e os pontua em um saber-fazer literário.

### OBRAS CITADAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

BRAGA, Medeiros. *O Quilombo Manoel Congo: a saga de um guerreiro*. Cordel. 2010.

CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer*. Vol. 1 de *A invenção do cotidiano*. 2 vols. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. 2.ed. Lisboa: Difel, 2002.

LOPES, Ribamar. *Antologia da literatura de cordel*. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste Brasileiro, 1994.

REIS, João José. "Quilombos e revoltas escravas no Brasil." *Revista USP* (São Paulo) 28 (dez. 1995-fev. 1996): 14-39.

RICOUER, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés, 1994.

### REPRESENTATIONS IN THE LITERATURA DE CORDEL OF BLACK STRUGGLE AND RESISTANCE IN QUILOMBO MANOEL CONGO

ABSTRACT: From the poetic text of *literatura de cordel* (literature on a string), this article discusses Manoel Congo's trajectory of fight and resistance, in the quilombo of Manoel Congo. We try to reflect on the representations of such fact very important in the history of the quilombos in Brazil in the text *literatura de cordel* and in which ways these representations can help understanding the questions related to the way the black people conducted their fight individually and as a group to conquer their freedom and their social rights.

KEYWORDS: *literatura de cordel*; *quilombo*; representation; resistance.

Recebido em 30 de junho de 2011; aprovado em 20 de setembro de 2011.